

A prevenção das toxicodependências no sistema educativo

(O Percurso de um Projecto)

Catalina Pestana

Introdução

O fenómeno da toxicodependência é em Portugal um fenómeno recente, quando tomado na sua dimensão epidemiológica. Desde 1979 que o M.E. procura dar respostas integradas e articuladas à sua expressão no sistema educativo, primeiro através dos professores "mediadores", dependentes da Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário e posteriormente com a criação do Projecto Vida em 1987, através dos professores "operadores".

Quando em 1990 foram criadas as condições institucionais (reestruturação do Projecto Vida e início da 3ª Fase da Reforma do Sistema Educativo), para que no M.E. fosse concebido, executado e avaliado um Projecto Piloto de Prevenção Primária de Toxicodependências em Meio Escolar, as estratégias de intervenção eficaz nesta área não eram consensuais na literatura disponível. Büringer e Bohmer apresentam uma síntese abrangente das avaliações efectuadas a um conjunto significativo de Modelos de Prevenção Primária de Toxicodependências ensaiadas entre a segunda metade da década de 70 e no decorrer da década de 80. (1)

Decorrentes desta investigação, seis abordagens se desenharam na análise de Büringer e Bohner. Duas destas abordagens podem considerar-se já como abordagens tradicionais.

• A primeira generalizou-se em Portugal através do trabalho dos C.E.P.D.s (Centros de Estudos e Profilaxia da

Droga) com a designação de **Intervenções de Informação, Sensibilização e Formação**. Foi adoptada pelo Ministério da Educação como linha essencial de intervenção até 1990. Informação sobre os efeitos das drogas no organismo; necessidade de comportamentos responsáveis; factores de risco que possam conduzir a situações de consumo; percentagens de toxicodependentes; atitudes a tomar perante os sujeitos em risco são algumas das áreas que constituem os conteúdos da abordagem. O público-alvo desta acção é muito variado e pode incluir: pais, professores, adolescentes, polícias, jornalistas, etc.

• A segunda abordagem tradicional é, em termos de intervenção, completamente distinta da anterior e desenvolveu-se sobretudo a partir dos anos setenta. É a Educação Humanista ou Educação Afectiva. Baseia-se na premissa de que o abuso de substâncias tóxicas resulta, em primeira análise, de dificuldades encontradas pelo sujeito na estruturação da sua personalidade, tais como baixa auto-estima; incapacidade de tomar decisões, dificuldade de identificar e/ou exprimir os seus sentimentos. Esta abordagem define-se, portanto, no sentido do reforço da auto-estima, da clarificação dos valores pessoais, da capacidade de tomar decisões e de lidar com situações de stress.

Estes objectivos são geralmente trabalhados em discussões em sala de aula ou através das mais diferentes actividades experimentais realizadas em situação de classe. Aqui o papel dos familiares e da sua preparação, para tal, é decisiva.

• As quatro restantes abordagens que poderemos considerar mais recentes são as seguintes:

• **Abordagem da influência social**, baseada na teoria da aprendizagem social de Bandura (19..).

O essencial desta teoria consiste no facto de que os comportamentos são formados como resultado das consequências positivas ou negativas desses comportamentos. Os pais, irmãos, pares, etc. servem de modelos a esses comportamentos.

Este modelo aponta para acções de treino de resistência à pressão dos pares, dos média, da publicidade, etc. É usado basicamente em relação ao consumo de drogas lícitas (tabaco, álcool, etc.).

• **Abordagem dos Skills de Vida**

Procura desenvolver nos jovens perícias de relacionamento consigo mesmos e com os outros, significativos para o sujeito e com a sociedade no seu todo.

• **Alternativa às Drogas**

Trata-se de uma teoria de origem americana (Dohner, 1972) que ganhou relevância apenas nos últimos anos. As premissas básicas desta abordagem são: a dependência psicológica ocorre quando o efeito da droga preenche uma necessidade ou está a funcionar como um substituto. O objectivo é, portanto, proporcionar situações de prazer ou de mudança de estados de espírito negativos com situações, actividades ou vivências alternativas à droga.

• **Promoção de Saúde**

Encarada na perspectiva da O.M.S. como um estado de bem-estar físico, psicológico e social e não na perspectiva redutiva de ausência de doença. A promoção de saúde é levada à prática através do desenvolvimento de estilos de vida saudáveis.

A experiência das Escolas Promotoras de Saúde é um dos projectos piloto que procura dar forma a uma abordagem global e integrar a prevenção das toxicodependências na promoção de estilos de vida saudáveis.

É pois neste quadro que a equipa do Projecto Vida no Ministério da Educação decide dar forma a um Projecto Piloto de Prevenção Primária de Toxicodependências em Meio Escolar que virá a ser conhecido no Sistema Educativo como "Projecto Viva a Escola".

A Escola virada para as suas limitações e dificuldades procurando respostas adequadas. Alguns pressupostos do "Projecto Viva a Escola".

É ensaiada uma viragem da Escola – Organização sobre si própria, sobre a qualidade da educação/vida/instrução/vida que proporciona aos que a frequentam. Desenvolve-se uma reflexão sobre as condições que na Escola podem transformar-se em factores de risco. A partir daqui, formula-se um conjunto de pressupostos a partir dos quais o Projecto ganhará forma.

Pressupostos do Projecto Viva a Escola:

• **A droga não é, em Portugal, o principal problema da Escola.**

Estudos epidemiológicos levados a cabo no Sistema Educativo desde 1987 demonstram-no claramente.

4.25% dos alunos teve, pelo menos, 1 experiência de consumo de drogas ilícitas:

32.2/1000 – Cannabis (haxixe)

7.9/1000 – Heroína

7.1/1000 – Cocaína

Sem deixar de considerar a sua importância, que é significativa, consideramos o abandono escolar antes de concluída a escolaridade obrigatória e o insucesso escolar problemas mais vastos e de mais complexa solução.

J. Azevedo apresenta o seguinte quadro síntese: (2)

• Dos alunos que foram matriculados no 1º ano de escolaridade em 1982/83 e que portanto deveriam, teoricamente, concluir a escolaridade obrigatória em 1990/91, é esta a situação:

27 % – Nunca reprovaram

36 % – Reprovaram

15 % – 1 repetência

11 % – 2 repetências

6 % – 3 repetências

4 % – 4 repetências

37 % – Abandonaram antes de concluir o 9º ano

- Os consumos de droga aparecem significativamente correlacionados com insucessos escolares acumulados.

Consumidores de substâncias ilícitas Ano de Escolaridade	Aproveitamento Escolar Referem Repetências
9º ano – 49.23 %	78.15 %

A Escola que temos, apesar dos fortes esforços desenvolvidos nos últimos oito anos (publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo – Lei 46/86) e subseqüentes etapas da implementação da Reforma do Sistema Educativo, é ainda uma Escola que hipervaloriza as áreas dos saberes conceptuais em detrimento das áreas das expressões.

Uma Escola que rotula de insucessos os que não se ajustam a esta lógica.

Uma Escola que vive em paralelo o enorme esforço de explosão escolar (nos últimos 20 anos, mais um milhão de cidadãos teve acesso à escolaridade) e a grande dificuldade de perceber a diferença fundamental entre uma escola massificada e uma escola para massas.

Estamos convencidos que no âmbito desta diferença encontraremos a resposta para muitos dos problemas anteriores. Na escola que temos existe ainda receptividade para a aceitação de uma “receita culinária” que me chegou às mãos, sem a referência rigorosa do autor e da data de publicação, mas que não resisto a transcrever pela forte impressão que me causou.

“ 1) Descasquem-se os alunos com todo o cuidado de todas as coisas boas e más que aprenderam em casa, na catequese, na rua, na piscina, na TELEVISÃO e na casa dos primos, lavem-se em água corrente, cortem-se em palitos homogêneos e coloque-se um em cada carteira, de preferência com uma camisa às riscas fininhas e um pullover a condizer.

2) Depenem-se os professores de paixões e afectos, de humanas crenças, não deixem nenhum pedacinho de sonho, porque o seu gosto intenso afectará o equilíbrio do cozinhado.

Barrem-se muito bem com metodologias, didácticas, problemáticas, informáticas e abordagens temáticas e

ponham-se a marinar numa calda de currículos, de preferência, novos.

Levem a cozinhar em lume brando, em intervalos rigorosos de 50 minutos.

Se à segunda ou terceira cozedura a panela não explodir, sirvam em travessa morna, enfeitada com pais de várias cores, culturas, religiões e opções clubísticas.

Se se esquecerem dos pais, não se preocupem, porque o programa será certamente cumprido apesar da sua falta.”

- Em tempos de Reforma Educativa, a lógica tradicional do insucesso escolar pode e deve ser modificada.

Uma das vertentes desta reforma consiste numa profunda alteração do modelo de avaliação dos alunos.

O despacho (nº162/ME/91, de 9/9) que constitui o essencial do quadro jurídico deste novo modelo não é de forma alguma o modelo perfeito, mas o “enviesamento” que sofreu o debate nacional, que à volta deste tema teve lugar em 1993, não deve poder cair no esquecimento, com o risco de estarmos a construir neste esforço colectivo, que é a Reforma do Sistema Educativo, uma “casa de legos” cujo telhado tem uma enorme fenda que permite a entrada das águas e fragiliza totalmente o edifício. Têm no entanto a possibilidade de, porque é de legos, poder a seu tempo vir a ser reformulada.

Pela minha parte, estou francamente mais preocupada com o insucesso educativo do que com o insucesso escolar.

- A Prevenção Primária de Toxicodependências, junto de adolescentes e jovens, ganhará em eficácia, na medida em que conseguir proporcionar ao seu público alvo alternativas de vida saudáveis.

Nesse sentido, aponta a síntese avaliativa levada a cabo por Bühlinger e Bohmer, sobre diferentes modelos de prevenção utilizados na Europa e nos E.U.A. Nesse sentido apontam as experiências de todos aqueles que, como educadores formais ou informais criaram condições para que grupos de adolescentes sejam produtores e não apenas consumidores das actividades onde ocupam as horas dos seus dias.

- Os adolescentes e os jovens não alteram comportamentos em consequência dos discursos dos adultos.

Basta-nos ter memória, faculdade essencial para quem se pretende educador, formal ou informal.

A adolescência é o tempo de constatação das grandes autonomias: cognitivas, morais, estéticas e vivenciais.

A influência dos adultos, para ser eficaz, precisa saber desenvolver-se no exercício equilibrado da autoridade coerente e da cumplicidade que se envia na percepção mútua do que é essencial e do que é acessório.

• Os factores de risco de toxicodependências são tão variados e complexos, que só uma abordagem articulada dos diferentes sectores da sociedade poderá obter resultados positivos na redução da procura.

Tomando como relevantes estes pressupostos, parecia ser fundamental em termos preventivos, mais do que informar ou amedrontar, punir ou marginalizar, sensibilizar ou mesmo formar, criar condições para que as escolas fossem espaços privilegiados para ajudar a crescer PESSOAS. Piaget afirma: "O Eu é a actividade centrada sobre si mesmo. Pelo contrário, a personalidade é o eu descentrado, o indivíduo enquanto inserido num grupo social, submetido a uma disciplina colectiva, encarnando uma ideia, aderindo a uma obra, e com a obra a uma escala de valores e um programa de valores, logo, a um programa de vida, à adopção de um papel social". (3)

O objectivo global do Projecto Piloto de Prevenção Primária em Meio Escolar define contornos: parece fundamental ajudar a crescer Pessoas, Personalidades, se quisermos adoptar a linguagem piagetiana.

Consideramos que os humanos percorrem todos, embora de formas diferentes, um caminho que leva do indivíduo à pessoa. Consideramos que cada um de nós se "torna pessoa" na relação, na comunicação, na solidariedade, no prazer, na liberdade, no sofrimento e no sonho. Queríamos construir nas escolas espaços e tempos para ajudar a percorrer caminhos de Personalização, operacionalizando o conceito como o faz Pierre Tap. (4)

— **Tomada do poder** – poder que não é propriedade dos actores, e pelo contrário um meio de troca na relação entre eles. Ter o poder é possuir margens de manobra na negociação com o outro.

— **A apreensão do sentido e da significação** – o sujeito procura compreender a significação do mundo, da vida e da morte, da sociedade e da cultura, do outro e

de si mesmo. Mas ele tem sobretudo necessidade de dar sentido a tudo isto em função da sua própria história, das suas origens e das suas esperanças...

— **A aquisição de autonomia** – o adolescente quer sair da sujeição da criança, abandonar as sujeições heteronómicas, parentais ou escolares. Quer construir os seus próprios limites, as regras do jogo que aceita jogar consigo mesmo...

— **A hierarquização de novos valores e projectos** – em função das situações conflituais que defronta e do sofrimento que elas geram em si, o sujeito é levado a reorganizar as condutas pessoais...

— **Realizar para se realizar** – pela actualização das dimensões precedentes o indivíduo cria-se a si mesmo no jogo dos grupos, eles próprios criativos.

Os objectivos gerais do Projecto definem-se:

• **Desenvolver comportamentos** – de autonomia, responsabilidade e sentido crítico, conceitos que globalmente desenvolvidos poderiam aparecer como o antídoto a qualquer forma de dependência.

• **Criar condições para a vivência de sentimentos:** de emoção, prazer e risco (controlado). Um inquérito de contornos empíricos que efectuamos durante o tempo em que, em equipa, preparámos o lançamento do projecto, apontava do sentido de serem geralmente estes os sentimentos procurados pelos jovens experimentadores quando se iniciam no consumo de drogas. A estes três sentimentos, os meus inquiridos acrescentam o sentido de estar a transgredir. Não era possível pedir à escola que criasse condições para a transgressão e, sobretudo, consideramos que a transgressão, quando tolerada, perde o seu efeito transformador.

• **Estimular a construção de auto-estima** de cada um dos alunos e professores e dos grupos enquanto tais. Auto-estima desenvolvida em torno de valores socialmente aceites, mas que não se reduzam ao aproveitamento escolar. Os jovens que não obtêm aproveitamento escolar, segundo os tradicionais modelos de escola e

de avaliação, não podem ser rotulados de insuportáveis.

• **Facilitar a criação de grupos formais e informais de jovens** que permitam o desenvolvimento de um verdadeiro sentido de pertença. O grupo turma, no qual o Sistema Educativo tem feito algum investimento, não parece representar para grande número de jovens um colectivo, do qual se sentem membros, com objectivos e valores partilhados. Quando tal sucede nas escolas portuguesas, isto acontece geralmente tendo por base contra-valores, indisciplina colectiva, violências organizadas, etc.

• **Construir Climax de Escola – Cooperativos saudáveis e estimulantes.**

A Escola é uma organização e como tal tem que ser pensada a sua gestão.

Os objectivos específicos são definidos em cada escola, depois de feito, com o rigor possível, o levantamento das necessidades. Muitas vezes, as necessidades sentidas como tais pelo colectivo escolar não são rigorosamente as mais significativas na perspectiva de saúde pública por exemplo. Consideramos apesar desta constatação que, se queremos envolver numa estratégia de mudança um colectivo humano, temos que respeitar o seu sentimento sobre o sentido desta mudança e trabalhar a partir daí.

Para dar forma ao projecto e atingir os objectivos propostos foram definidas três estratégias a partir das quais, cada escola procurou encontrar respostas específicas para a concretização do seu trabalho:

1 – Introdução de Metodologias e Técnicas participativas e activas das actividades curriculares.

2 – Integração de representantes dos alunos em todas as estruturas, formais e informais, responsáveis pela gestão da escola, desde que a legislação em vigor não o proíba.

3 – Concepção e realização com os alunos de actividades curriculares e de extensão curricular pluridisciplinar, criativas e variadas, que constituam, para os jovens e para os professores desafio intelectual, físico, estético, ético e cognitivo.

O Projecto “ Viva a Escola “ no Sistema Educativo

Integrada no Projecto Vida, esta abordagem da Prevenção Primária em Meio Escolar foi apresentada às escolas no final de 1990 através de um concurso aberto cujos critérios de selecção eram conhecidos à partida, e eram os seguintes:

1 – As Escolas serão seleccionadas em função da adequação do Projecto apresentado aos objectivos gerais definidos para a Prevenção Primária de Toxicodependências em Meio Escolar.

2 – As Escolas cujo Projecto tenha sido elaborado com alunos, ou seja respostas a propostas dos mesmos.

3 – As Escolas nas quais a análise da situação as identifique como de forte incidência em problemas de droga, alcoolismo, insucesso escolar, abandono escolar, violência, vandalismo, etc.

4 – As Escolas onde as actividades propostas possam abranger todos os alunos que o desejam, independentemente do seu horário lectivo.

5 – As Escolas que apresentem um Projecto Integrado, envolvendo outros Estabelecimentos de Ensino e outras estruturas Comunitárias, nomeadamente os Núcleos Distritais e/ou Concelhos do Projecto Vida.

6 – As Escolas cujo Projecto consigne metodologias conducentes ao empenhamento do maior número possível de professores e outros técnicos da Escola.

Foram seleccionadas as primeiras 61 escolas que constituem o grupo piloto.

Nestas escolas foi levado a cabo pelo G.P.C.C.D. do Ministério da Justiça um estudo epidemiológico antes de iniciado o projecto, com o compromisso de ser repetido três anos depois. Os resultados do primeiro estudo estão já publicados e foram discutidos por técnicos e investigadores (5). Os resultados do segundo estudo começam a ficar disponíveis, o que permite o seguinte quadro comparativo da responsabilidade da equipa responsável pelos Estudos.

Quadro 1

“VIVA A ESCOLA”: 3º Ciclo Diurno
 Comparação das Prevalências de Consumo ao longo da Vida entre 1991 e 1994 (a)

SUBSTÂNCIAS	PREVALÊNCIAS AO LONGO DA VIDA		
	1991	1994	91-94/Diferença
Droga	4.25	4.94	+0.69 *
Cannabis	3.32	4.20	+0.88 **
Cocaína	0.71	0.79	+0.08
Heroína	0.79	1.01	+0.22
Medicamentos	12.85	10.53	-2.32 ***
Tranquilizantes	11.14	9.34	-1.80 ***
Tranq. c/ ind. méd.	7.90	6.12	-1.78 ***
Tranq. s/ ind. méd.	1.78	2.00	+0.22
Estimulantes	3.98	3.24	-0.74 **
Est. c/ ind. méd.	1.66	1.20	-0.46 **
Est. s/ ind. méd.	1.29	1.13	-0.16
Álcool	62.77	60.15	-2.62 ***
Cerveja	56.95	54.61	-2.34 **
Vinho	35.89	32.43	-3.46 ***
Aguardente	12.31	12.92	+0.61
Tabaco	36.90	38.76	+1.86 **

(a) Teste de proporções para duas amostras (Binomial) em que se tem a diferença indicada por:

* pouco significativa ($0.05 < p < 0.10$)

** significativa ($0.01 < p < 0.05$)

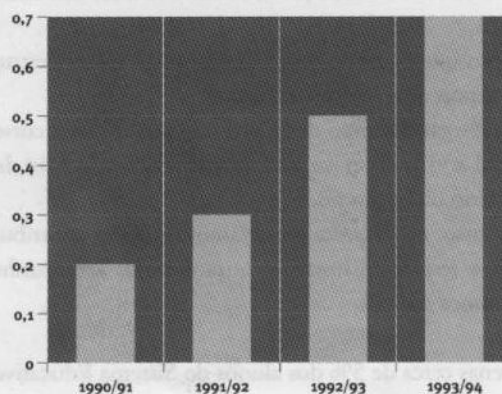
*** muito significativa ($p < 0.01$)

Fonte: Comunicação da Dra. Zilda Mendes na “I Jornada Droga - Meio Escolar”, Algés, Outubro de 1994

Duas Universidades estão a levar a cabo uma avaliação qualitativa do Projecto.

A auto-avaliação levada a cabo pelas próprias escolas e pelas equipas regionais e nacional apontou, desde cedo, o sentido que o essencial dos objectivos definidos era adequado e que o efeito da prossecução na qualidade de vida da Escola era positivo. Assim, o número de escolas envolvidas no projecto tem aumentado progressivamente:

Escolas com Projecto “Viva a Escola”



Conclusão

Cedo percebemos que, iniciado como Projecto de Prevenção Primária de Toxicodependências em Meio Escolar, o “Viva a Escola” não se desenvolvia como um projecto vertical, mas pelo contrário procurava abordar horizontalmente os fenómenos provocadores dos mal estares profundos que muitas vezes estão na causa dos consumos de drogas.

Outros problemas de Educação para a Saúde eram tratados e trabalhados.

O Poder Político percebeu que era necessário dar resposta institucional ao que era a realidade nas escolas e criou o Programa de Promoção e Educação para a Saúde onde este coabita com outros que procuram ir construindo uma rede, respostas que possam ser até

1998 alargadas a todo o Sistema Educativo.

Sabemos todos, os que trabalham nesta equipa, que envolve cerca de dois mil professores, cento e cinquenta mil alunos e em colaboração directa muitos pais; muitos técnicos de saúde, muitos autarcas e muitos outros cidadãos, que para estes problemas não existe um método eficaz; existem métodos e respostas variadas que só surtem algum efeito na leitura permanente e atenta dos sinais que nos são dados pelos grupos sociais com os quais trabalhamos.

Sabemos que a escola não é o meio que determina as opções da vida de cada jovem, limita-se a ser um entre outros.

Sabemos que os projectos se devem dissolver nas estruturas depois de testados e avaliados.

Está a chegar o tempo deste projecto seguir o seu curso normal e dissolver-se nas estruturas regionais do Ministério da Educação.

Antes disso, no entanto, gostaríamos de poder contribuir para a resposta a uma pergunta que nos acompanha nos últimos tempos.

Se apenas cerca de 5% dos alunos do Sistema Educativo declaram consumir drogas ilícitas, que motivos levam os outros 95% a não consumir? ■

Catalina Pestana

Professora convidada da Faculdade de Motricidade Humana

RESUMO: Decorrente das abordagens tradicionais, as respostas ao fenómeno da toxicodependência vinham sendo dadas segundo um modelo vertical. Porém, procurando na profundidade do Social os verdadeiros males que estão na origem e habituação ao consumo de drogas, só uma abordagem horizontal pode conduzir à resolução ou ao minorar dos efeitos do problema.

Desta necessidade, também política, de dar respostas eficazes, é criado o PPES-Programa de Promoção e Educação para a Saúde, natural sucessor do Projecto «Viva a Escola». Um Programa que engloba dois mil professores, cento e cinquenta mil alunos, muitos pais e técnicos de saúde, muitos autarcas e outros cidadãos. Porque o problema se apresenta resultante de múltiplos e variados factores em múltiplas e variadas combinações,

exige-se uma resposta global, através de uma global mobilização.

Sabendo que não há programa adequado sem avaliação, o PPES solicita-a, exige-a e fomenta-a. Resultante deste processo avaliativo, passa-se ao degrau seguinte, à reformulação do problema: se só cerca de 5% dos alunos portugueses consomem drogas ilícitas, porque motivos não as consomem os outros 95%? ■

RÉSUMÉ: Issues des approches traditionnelles, les réponses au phénomène de la toxicomanie étaient données selon un modèle vertical. En cherchant dans la profondeur du social les vrais maux qui sont à l'origine et permanence de la consommation des drogues, seule une approche horizontale peut conduire à la résolution ou à l'amoindrissement des effets du problème.

De cette nécessité, aussi politique, de donner des réponses efficaces, est créé le PPES-Programa de Promoção e Educação para a Saúde- successeur naturel du project "Viva a Escola". Un programme qui englobe deux mille enseignants, cent cinquante mille élèves, un grand nombre de parents et techniciens de santé, plusieurs représentants des autarchies et d'autres citoyens. Parce que le problème se présente comme résultat de facteurs multiples et variés dans de multiples et variées combinaisons, il exige une réponse globale par une mobilisation générale.

En sachant qu'il n'y a pas un programme convenable sans évaluation, le PPES la sollicite, l'exige et la pousse.

Comme résultat de ce procès d'évaluation, on arrive à l'étape suivante, la réformulation du problème: si seulement environ 5% des élèves portugais consomment des drogues illicites pourquoi les autres 95% ne les consomment-ils pas? ■

ABSTRACT: Decurrent from the traditional approaches, the answers to the drug addiction phenomenon have been given according to a vertical model. However, searching in the depths of the social the true evils that are at the origin and continuation of drug abuse, only an horizontal approach may guide us to the resolution or diminution of the problem's effects.

Out of the need, also political, of providing efficacious answers, is created the PPES-Programa de Promoção e Educação para a Saúde -, the natural successor of the "Viva a Escola" project. It's a programme that concerns

two thousand teachers, a hundred and fifty thousand students, many parents and health technicians, many autarchy delegates and other citizens. The problem poses itself as a result of multiple and various factors in multiple and various combinations so, it demands a global answer through a general mobilization.

Knowing that there is not an adequate programme

without an appraisal, PPES asks for it, demands it and foments it.

As a result of this appraisal process we reach the next step, the reformulation of the problem: If only about 5% of the portuguese students take illicit drugs, then why don't the other 95% take them? ■

B I B L I O G R A F I A

(1) – G. Buhringer e J. K. Bohmer, “Conceitos de Prevenção Primária de Toxicodependência”, Comunicação apresentada na Conferência “Prevenção de Toxicodependência em Meio Escolar”, Lubeck, 8 – 10 de Outubro de 1991

(2) – Joaquim Azevedo, *Avenidas de Liberdade. Reflexões sobre Política Educativa*, Porto, ASA, 1994

(3) – Jean Piaget, *La Logique de l'Enfant et la Logique de l'Adolescent*, Paris, PUF, 1915

(4) – Dcf. Pierre Tap, *La Societé de Pygmalion*, Paris, Bordas, 1988

(5) – Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga, Droga – Meio Escolar. Perfis Regionais e Risco. 3º Ciclo Diurno. “Viva a Escola”, 1990/91, Lisboa, Ministério da Justiça, 1994.

A apresentação e discussão destes dados foram feitos, em primeira mão, na “I Jornada Droga – Meio Escolar”, Algés, 24 de Outubro de 1994